

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS: PROFESSOR ALEXANDRE ALVES OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA

NÁJLA MACHADO ARAUJO

ADAPTAÇÃO ESCOLAR: UM MOMENTO A SER VIVÊNCIADO

PARNAÍBA

2009

NÁJLA MACHADO ARAUJO

ADAPTAÇÃO ESCOLAR: UM MOMENTO A SER VIVÊNCIADO

Monografia apresentada na Universidade Estadual do Piauí-UESPI, como requisito para obtenção do título de graduação em Pedagogia.

Orientador (a): Prof.(a) Antonio Marcos

PARNAÍBA

2009

NÁJLA MACHADO ARAUJO

ADAPTAÇÃO ESCOLAR: UM MOMENTO A SER VIVÊNCIADO

BANCA EXAMINADORA

Prof.

Prof.

Prof.

PARNAIBA

2009

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela força de vida que há em todos nós, a minha família pela compreensão, apoio e carinho, em especial a minha irmã Ivany que muito me incentivou e minha mãe, pois nunca mediu esforços para me ajudar e por fim a meu esposo Bruno por compreender minhas ausências e sempre me encorajar para nunca desistir.

RESUMO

O presente trabalho monográfico examina algumas questões teóricas e estudos empíricos acerca do processo da adaptação de crianças no início da educação infantil. Analisa-se o desenvolvimento da educação infantil no decorrer dos anos, as características do desenvolvimento natural das crianças e as características apresentadas por elas no ingresso inicial à escola. Discute-se ainda as ações que interferem neste processo de adaptação das crianças à escola e algumas estratégias para lidar com essa problemática. Será abordado também o comportamento dos professores como mediador do processo de adaptação, e a função da escola enquanto ambiente capaz de oferecer condições de interação social entre as crianças.

Palavras – chave: Adaptação – Criança – Professores – processo – escola

ABSTRACT

This paper examines some issues monographic theoretical and empirical studies about the process of adjustment of children in early childhood education. This study analyzes the development of education in child over the years, the characteristics of the development natural children and the characteristics presented by them in the original ticket is still the school. Discuss actions that interfere in this process of adaptation of children to school and some strategies for dealing with problem. Will be that also addressed the behavior teachers as a mediator of the adaptation process, and the function of the school environment as capable of offering conditions of social interaction children.

Keywords: Adaptation - Child - Teachers - process - school

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO	08
2 CAPÍTULO I - A educação infantil no Brasil	11
3 CAPÍTULO II - Alguns aspectos relevantes do desenvolvimento das crianças no processo de adaptação	16
2.1 A adaptação na visão emocional da Criança e Algumas Atitudes de Pais e Professores que prejudicam esse processo.	17
2.2. Compreendendo a separação da mãe com a criança no início da vida escolar.	20
4-CAPÍTULO III - O trabalho dos professores no processo de adaptação	24
5-CAPÍTULO IV - A importância da escola enquanto facilitadora da interação criança-criança	28
6-CAPÍTULO V - Análise e discussão dos dados da pesquisa	33
7-BIBLIOGRAFIA	41
8-ANEXOS	44

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo a educação brasileira não manifestou muito interesse em oferecer a devida assistência para crianças de 0 a 6 anos no que se refere ao início da sua vida escolar, pois esse nível de ensino estava omitido das leis e esta situação permaneceu assim por muito tempo.

A preocupação com a Educação Infantil no Brasil ainda é recente, por isso muitas pessoas ainda não compreendem a importância desta fase para o desenvolvimento das crianças de zero a seis anos. Sabendo disto propõem-se aqui um estudo que esclareça as etapas do processo de entrada da criança na escola para pais e educadores, com o intuito de tornar o processo de adaptação da criança na escola mais fácil e menos doloroso.

É nesse momento em que ocorre a grande separação da criança, ela passa a conhecer um novo mundo onde a mesma deverá conviver em espaços diferentes com pessoas diferentes e terá que adquirir confiança em alguém que lhe é estranho, o professor.

Nesse processo de adaptação da criança ao meio escolar os pais têm um papel fundamental, pois dependerá muito deles a aceitação que a criança terá com o fato de separar-se de sua casa e coisas, pois o ambiente de coletividade da escola vai tirar todo o seu lugar de "reizinho" como está acostumado a ser tratado em casa.

Mas esta não é uma responsabilidade apenas dos pais, se estendendo também à figura do professor, que antes mesmo do início das aulas já deve estar preparando-se para o momento da adaptação da criança. O professor quando recebe a turma no começo do ano letivo, deve iniciar um processo de autocontrole e paciência para saber contornar e dar limites as ações das crianças e agir de forma sensível e compreensiva com seus pais.

Considerar a importância do estudo do processo de adaptação da criança no primeiro ano da Educação Infantil é fundamental, pois muitas vezes esse assunto não é tratado com a relevância que precisa ter. Normalmente as pessoas enxergam esse problema de forma comum, onde todos conhecem, mas poucos sabem como resolver.

Devido a pouca preocupação em conhecer esse tema por parte de pais de professores é que o referido trabalho monográfico desenvolverá um estudo mais

direcionado a essa problemática, que será de grande valia para educadores e pais, já que todas as crianças devem estudar e, portanto vão passar pelo processo de adaptação escolar.

Baseado nesta afirmativa objetivou-se investigar os agentes que dificultam o processo de adaptação de crianças no primeiro ano da educação infantil e estudar possíveis soluções para esse processo. Pois quando os pais possuem conhecimento dessa problemática assimilam mais rapidamente a entrada dos filhos no universo escolar.

Nesse sentido é necessária a preparação de pais e educadores para saber reagir de forma correta a cada ação da criança no momento da separação.

Neste contexto também existe a contribuição da escola que deve favorecer o processo de adaptação. A instituição também deve se preparar para a chegada desses alunos que irão ingressar na escola pela primeira vez, tanto no aspecto físico, proporcionando um ambiente agradável, quanto na assistência aos pais fornecendo informação e tirando dúvidas sobre o assunto.

Nesse sentido, entender a adaptação como processo significa também levar em consideração o trabalho pedagógico, tanto no que se refere aos conteúdos como as metodologias usadas na sala de aula. Deve-se observar que conteúdos e metodologias devem respeitar o tempo e o desenvolvimento de cada criança, pois o processo de adaptação é construído/conquistado de forma gradativa.

Com a finalidade de ampliar os conhecimentos nessa temática, foi realizada uma pesquisa não experimental, transversal, correlacional, caracterizando-se, portanto como Pesquisa Pura quanto à sua natureza. Quanto aos objetivos à que se propõe, está classificada como Explicativa, perpassando ainda pelo aspecto da exploração do assunto. No tocante aos procedimentos técnicos para sua realização, será bibliográfica e de campo. Quanto à sua abordagem será desenvolvida quantitativamente.

O método e abordagem utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa será o hipotético-dedutivo, considerando a partir da formulação das hipóteses.

O universo a ser pesquisado será a turma de crianças do Infantil III do Colégio Pequeno Aprendiz da rede particular da cidade de Parnaíba, constituído de 15 crianças. Nesta instituição aplicaram-se os instrumentos de coleta de dados nos pais e na professora destas crianças.

Os dados primários foram coletados através de observação sistemática e

objetiva e ainda pela aplicação de questionários fechados e entrevistas.

Os dados secundários foram obtidos por meio de levantamento bibliográficos.

Por ser uma pesquisa de abordagem quantitativa, com o levantamento de dados estatísticos. Os dados coletados serão analisados e interpretados por meio gráficos, sendo também analisados por comentários críticos e imparciais.

Este trabalho monográfico está dividido em cinco capítulos: O capítulo I trata da trajetória da Ed. Infantil no Brasil, desde a menção sobre as crianças menores de 7 anos, pela lei Federal 4.0421/1961 onde a mesma era voltada para o assistencialismo até a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996-LDBN que contempla pela primeira vez o direito a Educação Infantil como responsabilidade do setor educacional

O capítulo II é analisado a complexidade do processo de desenvolvimento da criança e algumas situações vivenciadas no ambiente escolar, no que se refere a adaptação da criança, as quais desafiam educadores e pais a compreender este processo e algumas atitudes de pais e professores que podem influenciar nas reações que as mesmas podem manifestar no período da adaptação escolar ,

No capítulo III foi enfatizado a função do professor como mediador entre a criança e a adaptação o reflexo da construção da confiança com os pais nas crianças e a importância de suas práticas na sala de aula para alcançar a adaptação das crianças.

No capítulo IV serão abordadas algumas das Normas Regimentais Básicas para as escolas de Educação Infantil, a importância de um espaço físico adequado para as crianças e a relevância desta para a socialização das crianças.

CAPITULO I

1. A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

No Brasil o início da preocupação com a educação infantil se deu a partir da Constituição Federal de 1967 e da Junta Militar de 1946 onde houve a introdução de uma noção de lei própria que prestava assistência à infância.

Também há referencias na lei Federal 4.0421/1961 onde se destacam dois artigos:

Art.23. A educação pré-primária destina-se aos menores de sete anos, e será ministrada em escolas maternais ou em jardins de infância.

Art.24. As empresas que tinham a seu serviço mães de menores de 7 anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou cooperação com os poderes públicos, instituições de educação primária.

Essa constituição trouxe novas leis de trabalho que assistia aos filhos das trabalhadoras de empresas privadas, onde estas por sua vez firmavam convênios com o governo para a instalação de berçários, porém devido à falta da fiscalização muitas empresas não cumpriram essa determinação e poucos berçários foram organizados.

Temos ainda a contribuição da nova legislação sobre o ensino formulada em 1971(lei 5692) que trouxe determinações novas para a educação infantil, a mesma citava que o sistema deveria garantir que as crianças de idade inferior a sete anos recebessem educação em escolas maternais, jardins-de-infância ou em instituições equivalentes

Nota-se que a idéia de creche teve início a partir do momento em que as mulheres passaram a participar mais do mercado de trabalho para esta afirmação evocamos o pensamento de DIAS (1997,p.19) quando diz que "A origem da creche na sociedade é atribuída ao trinômio mulher-trabalho-criança".

Quando as mães saíam para o trabalho deixavam as crianças em creches, essas tinham uma função de amparo e cuidados básicos e se focavam principalmente em crianças de baixa renda.

Dias (1997) relembra as diferenças ente creches e jardins de infância como mais um elemento que fortaleceu essa associação entre creche/criança pobre de caráter assistencialista, pois os jardins de infância já nasceram com o caráter

educacional-pedagógico e dirigiam-se ao atendimento dos filhos das famílias de classes médias e altas.

De acordo com Castro (1994, p. 32-35) entre os anos de 30 e final da década de 60, identificado com a emergência e expansão fragmentada das políticas sociais do País, a política de educação infantil se caracteriza por um conjunto de ações compensatórias, desorganizadas, descontínuas e com caráter extremamente assistencialista.

Nos anos 70 e 80 se mantém a mesma visão sobre a Educação Infantil que são os trabalhos de creches, estas continuam na informalidade, porém se observa uma tendência à expansão da cobertura do atendimento, tendo como novidade a expansão do atendimento governamental institucionalizado, pois segundo o que diz Oliveira o aumento da demanda por pré-escolas incentivou, na década de 70, o processo de municipalização da educação pré-escolar pública (...). Em 1972 já havia 460 mil matrículas na pré-escola em todo o país (2002, p. 104).

Castro (1994, p.32-35) ainda acrescenta que tanto no nível Estadual como no Municipal, o modelo dicotomizado é mantido, ou seja, a escolarização na pré-escola e o assistencialismo na creche, para crianças de zero a três anos.

A Constituição de 1988 redefiniu as políticas para crianças de zero a seis anos pois agora esta afirmava os direitos da criança, entre eles o direito para a educação no país.

No capítulo dedicado aos direitos sociais determina-se:

Art.7º. São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem a melhoria de sua condição: [...]

XXV - Assistência gratuita aos filhos de dependentes desde o nascimento até os seis anos de idade e creches e pré-escolas.

No capítulo dedicado a educação será efetivada mediante a garantia de [...]

IV- Atendimento em creches e pré-escolas para as crianças de zero a seis anos de idade; [...].

Os direitos da infância brasileira são definidos, de forma mais abrangente, no Art.227:

Art.227-É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar para a criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A partir daí a idéia que se tinha de creches e pré-escolas, conseqüentemente também mudou, pois essas passaram a ser entendidas como instituições educativas, e não de assistência social.

Com a Constituição de 1988 a sociedade passou a compreender a importância da Educação Infantil como um direito e não como uma assistência que visava apenas os cuidados básicos da criança. Essas mudanças que foram trazidas por esta constituição foram ratificadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)-Lei de dezembro de 1993, e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996-LDBN contempla pela primeira vez o direito a Educação Infantil como responsabilidade do setor educacional. Define em suas disposições transitórias, o prazo de três anos, a partir da publicação, para a integração do sistema regular de ensino de todas as creches e pré-escolas existentes e das que venham a ser criadas.

O artigo 4º mostra a responsabilidade do Estado quanto a essa temática.

Art.4º-O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

IV- Atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade.

O artigo 29 fala da definição de Ed. Infantil:

Art.29- A Ed. Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

No artigo 30 é tratada a disposição da Ed. infantil:

Art.30-A Educação Infantil será oferecida em:

I-Creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade.

II - Pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade.

No artigo 31 é feita a indicação da forma de avaliação para essa modalidade de ensino.

Art.31-Na Ed. Infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental

O Governo Federal criou no ano de 2005 o Grupo de Trabalho instituído pela

Portaria Interministerial nº 3.219, de 21 de setembro de 2005, formado por pessoas integrantes do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, do Ministério da Educação, e do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Foi criado com o objetivo de apresentar proposta para a transferência das ações de apoio financeiro ao atendimento às crianças de zero a seis anos em creches e pré-escolas que são atualmente desenvolvidas com recursos do Fundo Nacional de Assistência Social – FNAS, do âmbito do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS para o do Ministério da Educação – MEC.

Esta iniciativa representa um importante avanço para a concretização da integração das creches e pré-escolas ao sistema regular de ensino. Conforme relatório desse Grupo de Trabalho, datado de março de 2006, os dados sobre o atendimento sócio-educativo a crianças de zero a seis anos obtidos da PNAD de 2004 são os seguintes: Constata-se que 40,4% das crianças freqüentam alguma instituição. Na faixa etária de zero a três anos, a taxa de freqüência é de 13,4%, e na de quatro a seis anos, 70,5%. Das crianças de famílias de maior renda (acima de três salários mínimos per capita) na faixa de zero a três, 35,3% freqüentam alguma instituição, e, na faixa de 4 a 6 anos, esse percentual é de 92,2%. Das crianças das famílias de menor renda (até 1/2 salário mínimo per capita) na faixa de zero a três anos de idade, 8,5% freqüentam alguma instituição, e na faixa de quatro a seis anos, o percentual é de 63,1%.

O acesso a escola é tão importante quanto à qualidade do atendimento que é dado a esta criança, pois a escola sem profissionais capazes de atender as necessidades das crianças de nada contribuirá para o crescimento das mesmas.

Faria (1999) ressalta a importância de as instituições de educação infantil articularem as funções de cuidado e educação, pois somente desse modo a criança pode ser criança e ter opções de atividades que lhe ajudem a desenvolverem-se integralmente, complementando desse modo adequadamente as funções da família e da comunidade.

Não é apenas participar de uma Instituição de Ed. Infantil, é importante que esse ambiente ofereça tudo que é necessário para o desenvolvimento da criança.

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. (RCNEI, 1998 p.27)

De fato, hoje existe um grande consenso sobre a importância das escolas de Ed. Infantil para a adaptação e o desenvolvimento da criança, mas só recentemente em nosso país com a nova LDB começa a haver uma política nacional de orientação para essas escolas e as creches, visando adequá-las as necessidades do atendimento mais qualificado. Entretanto, muito ainda precisa ser feito nessa área de atendimento infantil para que possa ser inteiramente satisfatória.

CAPITULO II

2. ALGUNS ASPECTOS RELEVANTES DO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

No que se referem aos aspectos do desenvolvimento da criança, alguns pais e professores que não possuem informações suficientes sobre as atitudes apresentadas nesta fase, comumente confundem atitudes características do desenvolvimento da criança com dificuldades de adaptação escolar.

Para que se compreendam melhor as características apresentadas pelas crianças nesta fase observaremos agora as fases do desenvolvimento da criança segundo Piaget. Convém esclarecer que só será observado esse desenvolvimento até os quatro anos de idade por se tratar da fase especificada nesta pesquisa. É importante ressaltar que essa pesquisa foi comprovada através de testes sérios e coerentes por Jean Piaget.

As fases do desenvolvimento das crianças de acordo com o pensamento de Piaget:

Período sensório motor: do nascimento aos 2 anos, aproximadamente.

A ausência do uso de sinais é a principal característica deste período. A inteligência trabalha através das percepções (simbólico) e das ações (motor) através dos deslocamentos do próprio corpo. É uma inteligência eminentemente prática. Sua linguagem vai da ecolalia (repetição de sílabas) à palavra-frase ("ága" para dizer que quer beber água) já que não representa mentalmente o objeto e as ações. Sua conduta social, neste período, é de isolamento e comportamento indiferente.

Nesta fase é comum que a criança se sinta como um objeto fora do seu contexto, pois no novo ambiente apresentado ele não se vê à vontade para se expressar da maneira que ela consegue, gerando medo, insegurança e às vezes afastamento, pois para a criança um indivíduo que lhe é estranho não pode atender suas vontades já que este nem mesmo o conhece.

Período simbólico: dos 2 anos aos 4 anos, aproximadamente.

Neste período surge a capacidade de se comunicar através de sinais, que o surgimento da linguagem, do desenho, da imitação, da dramatização, etc..Podendo criar imagens mentais na ausência do objeto ou da ação é o período

da fantasia, do faz de conta, do jogo simbólico. Com a capacidade de formar imagens mentais pode transformar o objeto numa satisfação de seu prazer, um objeto comum ou brinquedo. É também o período em que o indivíduo dá vida aos objetos ("o ursinho foi dormir"). A linguagem está em nível de monólogo coletivo, ou seja, todos falam ao mesmo tempo sem que respondam as argumentações dos outros. Duas crianças "conversando" dizem frases que não têm relação com a frase que o outro está dizendo. Sua socialização é vivida de forma isolada, mas dentro do coletivo. Não há liderança e os pares são constantemente trocados.

Através do estudo de Piaget, constata-se que na sala de aula as crianças que agem de forma egoísta, indiferente e não buscam o relacionamento imediato com as demais, nem sempre estão manifestando um comportamento ligado à dificuldade de adaptação e sim correspondendo à fase do seu desenvolvimento natural.

Considerando essa abordagem, é tarefa do professor estar informado acerca desta fase do desenvolvimento da criança, identificando os seus respectivos comportamentos de modo que, esta percepção por parte do educador contribua para nortear seu trabalho sabendo conduzir cada caso com a devida metodologia evitando o desgaste do professor e da criança e facilitando tomadas de decisões coerentes.

Podemos dizer que competência é a capacidade de atuar diante de situações complexas mobilizando conhecimentos, habilidades intelectuais e físicas, atitudes e disposições pessoais, de forma que identifique corretamente os elementos que estão em jogo e dê-lhes tratamento adequado. As atividades do professor, na sala de aula e na escola, são quase sempre desse tipo, exigindo dele reações imediatas e, ao mesmo tempo fundamentadas em um saber específico... (SALGADO, 2000, p.20)

2.1. A ADAPTAÇÃO NA VISÃO EMOCIONAL DA CRIANÇA E ALGUMAS ATITUDES DE PAIS E PROFESSORES QUE PREJUDICAM ESSE PROCESSO.

Para melhor compreender esta situação recorreremos aos conceitos de alguns autores sobre adaptação. Utilizamos preliminarmente o conceito do dicionário Aurélio: "A adaptação é o ato ou efeito de adaptar-se; ajustamento de um organismo às condições do meio ambiente" (2001, p. 21).

Portanto, adaptação é tudo que leva a uma situação nova, a conhecer aquilo que ainda não tínhamos contato, e no caso da adaptação escolar, é estar em um convívio novo, cheio de regras e programações ainda não vistas.

Para melhor compreender esta situação recorreremos aos conceitos de alguns autores sobre adaptação. Utilizamos preliminarmente o conceito do dicionário às condições do meio ambiente” (2001, p. 21).

Portanto, adaptação é tudo que leva a uma situação nova, a conhecer aquilo que ainda não tínhamos contato, e no caso da adaptação escolar, é estar em um convívio novo, cheio de regras e programações ainda não vistas.

Durante muito tempo o processo de adaptação de crianças foi encarado como um espaço de tempo onde as mesmas apenas choravam e depois de alguns dias tudo passava e já estavam perfeitamente adaptadas ao espaço escolar.

Imaginar que o sucesso de um processo de adaptação se resume a ausência de choro é banalizar uma situação que não termina em si mesma. Os sintomas que as crianças apresentam como, doenças, regressões, alterações de comportamento, etc. estão aí para comprovar que elas não falam que as coisas não vão bem somente chorando. (BORGES 2002 p78)

Muitas vezes a falta de choro não significa que tudo está bem. Alguns alunos demonstram as dificuldades que sentem, na fase de adaptação de várias formas, pois este processo é muito individualizado e dependerão das características pessoais de cada um as reações apresentadas.

Estudos apontam que a partir dos diferentes tipos de comportamento que a criança apresenta a mesma será classificada como bem ou mal adaptada.

Algumas crianças apresentam freqüentes choros no momento da despedida dos pais e na hora do reencontro, porém esta manifestação não é a única perturbação que a criança pode ter, existem várias outras manifestações como, por exemplo, mau humor, bater, deitar no chão, passividade, resistência a alimentação ou ao sono e comportamentos regressivos(Vitória & Rosseti-Ferreira, 1996 p. 62).

Existem exemplos de crianças que rejeitam as professoras, por sentirem que as mesmas as separam de seus pais, demonstram agressividade e até regridem de comportamento como voltar a usar chupeta ou fazer as necessidades na roupa.

Há ainda aquelas crianças que não manifestam choro nem resistência a separação e por muitas vezes pais e professoras vêem essa criança como adaptada ao ambiente escolar e dão menos importância a elas em comparação com aqueles que choram, gritam e demonstram angústia. Segundo Balaban (1988, p.124) durante o processo de adaptação alguns bebês e crianças pequenas mostram-se quietos e dóceis, muitas vezes são negligenciados porque não causam problemas.

Brazelton (1995 p. 58) enfatizou que muitos bebês e crianças pequenas que se adaptaram bem no início podem logo depois começar a dar sinais de regressão em casa, necessitando de fraudas retornando a fala de bebê e fazem birra quando são repreendidas por essas atitudes.

Alguns educadores ainda não compreendem essa situação e mostram atitudes diferenciadas com as crianças que são mais receptivas, elas lhe dão mais afeto e já para as crianças mais retraídas não demonstram tanto carinho. Ora aquela criança mais retraída ao contrário do que pensa o educador é a que precisa de mais atenção para que possa desenvolver a capacidade de transmitir melhor seus sentimentos.

É comum que crianças com educadoras com nível maior de engajamento se expressem com mais afeto positivo enquanto aquelas com educadoras pouco engajadas já se expressam mais com afeto negativo.

Conforme o pensamento de Balaban (1998 p.101) não existe um período fixo para que ocorra a adaptação. Em algumas crianças podem durar dias, mas em outras até meses, dependendo do ambiente que lhe é proporcionado em casa e na escola e como seu comportamento é observado e tratado.

Muitos pais que vão levar os filhos pela primeira vez a escola acabam se comovendo demais com a situação e até choram, preferem fugir da situação e nem ao menos se despedem de seus filhos. Atitudes como esta mostram para a criança que aquele ambiente realmente é ruim e dificulta ainda mais o processo de adaptação, pois se os pais demonstram tal fraqueza é quase impossível a criança se sentir segura naquele novo lugar.

De acordo com o pensamento de Piaget a criança na faixa etária de três anos precisa lutar com o problema de distinguir a aparência da realidade; mesmo que lhe seja explicado que a escola só faz o bem, quando ela ver aquele espaço repleto de estranhos, crianças chorando, seus pais aflitos é quase inevitável o que lhe foi falado diante do que ela mesmo enxerga.

Alguns pais tentam se aliviar da preocupação tentando descobrir tudo o que o filho fez durante o tempo que passa na escola, porém a maneira nem sempre é a mais correta, pois perguntas do tipo: alguém te bateu? , a tia brigou com você? .Ora, na cabeça da criança se seu pai/mãe cita tais coisas como opção certamente elas podem acontecer e é lógico que ela vai sentir medo de estar na sala de aula. Atitudes como esta não contribuem em nada para o processo de adaptação.

Outra atitude negativa é a de atraso no primeiro dia de aula, onde o pai por saber exatamente onde está a criança não se preocupa em estar no horário, pois sabe ainda que o professor estará lá, mas para a criança este momento de espera pode ser torturante. No momento da saída a criança que vê todos saindo se sente esquecida e logo pensa que seu pai/mãe não virá.

É comum que crianças que passam por isso no primeiro dia tendem a não querer retornar no dia seguinte, pois teme ficar até tarde novamente.

Um erro comum também observado é troca de escola, os pais imaginam que se a criança não reagiu da melhor maneira no primeiro dia é porque a escola não está suficientemente preparada, certo que isso pode acontecer em alguns casos, mas se toda vez que uma criança chorar ou rejeitar a escola ela for removida a mesma nunca irá se adaptar.

A entrada da criança na escola deve ser tratada com seriedade por todas as partes envolvidas: pais, professores e escola, para que possa alcançar bons resultados.

2.2. COMPREENDENDO A SEPARAÇÃO DA MÃE COM A CRIANÇA NO INÍCIO DA VIDA ESCOLAR.

A relação materna está presente em quase todas as espécies e isso é que torna possível a existência e sobrevivência delas no meio ambiente.

Durante muitos anos a relação da separação mãe-criança foi negligenciada no que se refere a estudos específicos, mas esta situação mudou a partir dos anos 40 onde foi realizada uma pesquisa durante a Segunda Guerra Mundial por Burlinghan e A. Freud que estudavam as crianças que foram separadas de suas mães e entregues a cuidados de creches.

Outros estudos foram realizados no decorrer dos anos e todos mostravam a influência que a separação tinha sobre a criança, os mesmos abordavam os aspectos positivos e algumas conseqüências negativas para o desenvolvimento das mesmas.

O estudo solicitado pela Organização Mundial de Saúde a Bowlby, intitulado *Cuidados Maternos e Saúde Mental*, teve forte repercussão no meio científico. Este mostrava influências negativas para o desenvolvimento da personalidade, do cuidado materno inadequadas na primeira infância e os efeitos de separações neste

período (BOWBY, 1995 p. 102).

Quando separada da mãe a criança busca naturalmente alguém que lhe sirva de referencial de carinho e apoio. Esta pessoa deve ter essa disposição para oferecer esses elementos para a criança e na escola ela ocupa a posição de professor.

No momento em que a criança se depara com a separação materna seu instinto natural é o de medo, pois em geral este é um evento muito novo e é assim como acontece com a maioria dos adultos quando enfrenta uma situação nova, porém a maneira de se manifestar esse medo é a grande diferença, já que a criança demonstra com angústia, choro e protestos.

Em geral, a angústia durante a ausência materna tem um pico em torno dos dezoito meses e começa a decrescer até que aos três anos de idade onde a angústia da separação é menos observada.

A separação pode gerar um conflito que não envolve só os sentimentos da criança quanto às dificuldades em estar longe, mas também ao sentimento que nasce nos pais que muitas vezes não querem perder o "controle" de toda a rotina da criança.

Na maioria das vezes a ida a escola é a primeira separação significativa da mãe com a criança e esse momento pode dar à mãe a impressão que está dando a independência muito cedo ao seu filho, isso gera um grande desconforto

"Essa é geralmente a primeira grande separação. Na maioria das vezes é a mãe quem tem a incumbência de levar o filho pela primeira vez à escola materno (...). Isso faz a mãe reviver separações pelas quais passou, e mesmo que estas tenham sido resolvidas com êxito, não há como fugir ao fato de que estamos lidando com uma experiência emocional." (REID, 1999, p. 99)

Não há como discutir o fato de que a convivência familiar é insubstituível e essencial para o desenvolvimento da criança, porém é necessária a compreensão por parte de mães e pais que esse convívio não deve ser único pois a escola fornece a possibilidade de ampliar a vivência, os conhecimentos e a interação com os outros.

Existe ainda em alguns casos de mães que desenvolvem um crescente sentimento de culpa, pois no momento do afastamento a criança pode apresentar reações de tristeza e choro e a mãe se sente culpada por pensar ser a causadora desta situação.

Não é possível compreender os sentimentos de uma criança sem pensar nos sentimentos que envolvem os pais. O sentimento de uma mãe, que leva seu filho na escola no primeiro dia de aula, é muito similar aquele vivido pela criança, pois no momento em que a mãe deixa o filho na escola acaba por sentir-se culpada e sofre também com a dor da separação, afinal qualquer separação causa dor.

Devemos considerar ainda as diferenças nas reações da criança à separação materna prolongada. Enquanto algumas crianças parecem desenvolver-se normalmente após uma experiência de separação e perda, outras apresentam dificuldades para superar estas situações. Segundo BOWLBY (1990 p.41), isso pode ser explicado por fatores constitucionais, pelas condições nas quais a criança recebe cuidados quando se afasta da mãe e pela qualidade da relação que mantém com os pais antes e depois da separação.

Tendo em vista que muitas mães hoje necessitam trabalhar e por isso entregam seus filhos aos cuidados de babás, o que muitas vezes as mães não sabem é como seus filhos são tratados por essa pessoa. Algumas dessas cuidadoras não dedicam tanta atenção ou carinho de que estas crianças necessitam e isso as deixa "carentes" tornando a separação na ida para escola dramática, pois a criança sente muito mais a falta da mãe por perto.

Na realidade não se pode negar que esta situação é totalmente voltada para o lado emocional e qualquer ação que for tomada neste momento deve ser cautelosa para que nem a mãe nem a criança sofram no momento da separação.

De acordo com a matéria de Mirian Altman no site da Revista de Psicologia Catharsis de 31/05/2009, o comportamento de muito agarramento da mãe pode também estar relacionado com as fantasias e com desejos de posse, exclusividade e controle sobre o objeto, sem poder aceitar que a outra pessoa tenha uma vida própria, decida suas ações com liberdade, tenha seus pensamentos, enfim, seja uma pessoa em separado.

Existem casos em que é mais difícil para os pais separarem-se da criança do que para a criança adaptar-se ao ambiente da creche (BRAZELTON 1994 p. 82). A mãe ainda pode se sentir insegura em relação ao afeto que o filho possa dedicar ao professor e que ele possa se tornar maior do que o que sente por ela. Essa idéia de divisão é incômoda para a mãe.

Portanto é necessário que a mãe assim como a criança esteja preparada para o ingresso à vida escolar e se sinta segura e tranqüila para enfrentar essa nova

etapa fundamental do processo de desenvolvimento social da criança que contribui para a construção de saberes e conhecimentos em geral.

Na realidade, desde cedo a criança deve apropriar-se de informações, valores e referências que ampliem seus conhecimentos, para que se constitua como cidadã em uma sociedade que passa por profundas mudanças tecnológicas, políticas. (CUNHA E CARVALHO p 6)

O que as mães devem ter em mente é a ida para a escola que se apresenta no primeiro momento como um problema a ser resolvido, depois se torna uma porta de possibilidades de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem significativa para todas as crianças.

Segundo BALABAN (1998 p. 29), a criança que é capaz de dominar seus sentimentos de separação ligados com a entrada na escola, está dando um grande passo ao seu amadurecimento, que ao invés de encarar como um problema verá como uma oportunidade de crescimento.

É comum neste momento enxergar apenas o lado negativo deste processo e por horas imaginar que o mesmo será frustrado. Dirimindo esses fantasmas iniciais, pesquisas recentes têm destacado o valor da experiência extrafamiliar no desenvolvimento infantil, a qual promove a curiosidade mútua das crianças e a identificação e empatia entre elas. (CAMPOS. 2007,p. 141)

Desta forma concluímos que se a criança, mesmo com sua imaturidade e pouca experiência de convívio extra familiar é capaz de passar pela dificuldade da separação de sua mãe, casa e objetos pessoais através das justificativas de terceiros e se sentir segura para ir a escola enfrentar esta situação, quanto mais a mãe, adulta e consciente da segurança e importância da escola para o processo de desenvolvimento de seu filho, deve comportar-se de maneira mais racional sabendo controlar impulsos que prejudicam a visão que a criança venha a ter daquele novo ambiente.

CAPITULO III

3. O TRABALHO DOS PROFESSORES NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO.

Neste contexto, ao profissional da Ed. Infantil tem sido atribuído maiores responsabilidades uma vez que, através da evolução educacional tem-se compreendido que a função do educador não se limita apenas a visão da criança enquanto "o aluno", mas sim um ser dotado de sentimentos e emoções que necessita ser trabalhado também nestes aspectos trazendo para sala de aula a humanização da educação. Portanto este profissional que antes se limitava a um cuidado simples hoje tem uma tarefa complexa de cuidar, ensinar e tornar o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança possível.

Considerando ainda que além de suas atribuições o professor também passa pelo momento do processo de adaptação, onde muito lhe é cobrado, pois para a maioria dos pais ele é o pivô da situação, já que na ausência da mãe é este quem assume seu papel.

Nesse processo o professor aparece como um mediador principal no contexto da adaptação a vida escolar, pois muitas das expectativas estão depositadas nele, por isso este deve estar seguro de seu desempenho e procurar adequar a rotina da turma, e modificá-la, de acordo com as peculiaridades encontradas no processo de adaptação de todas as crianças.

A família é a maior via de acesso para o contato com as crianças, pois através dos pais o professor poderá conquistar as mesmas.

Estabelecer essas relações é uma das dimensões da adaptação, sendo a interação com a família das crianças uma característica constitutiva de sua profissão compreendida como possível a partir de dois tipos de atividades: aquelas relacionadas à dimensão lúdica e aquelas relacionadas ao cuidar.

Ter convivência com a família da criança facilita a relação de confiança professor/aluno, pois se a criança nota que seus pais confiam naquela pessoa logo a mesma conseguirá desenvolver o mesmo sentimento e em alguns casos até de forma mais intensa do que o esperado.

O professor carrega uma grande responsabilidade, pois nesta fase as crianças estão muito sensíveis e precisam de todo carinho e apoio, ele deverá

buscar meios para se aproximar e conquistar a confiança dos “pequenos”. Conforme CAMPOS (2007 p.55), o envolvimento da professora com os alunos se faz por trocas de afetividade. A atenção, o bem querer, as manifestações de carinho são determinantes para a conquista da criança. Neste mesmo seguimento FARIA (1998, p. 213-214), afirma que no caso do professor de Educação Infantil, é necessário construir o vínculo pela interação com a criança, no diálogo com as formas de manifestar-se dessa criança, percebendo-a como um ser competente

Estas atitudes de afeto e cuidado não devem estar presentes somente no momento de adaptação da criança, os laços de afetividade de professor e aluno precisam ser fortalecidos e inseridos no cotidiano para que estes mesmos vínculos não venham a se desfazer.

Observa-se então a necessidade dos educadores buscarem embasamento em novas teorias e auxílio em recursos metodológicos para estar preparador para esse novo encontro, pois, dependerá muito da dedicação do professor a adaptação da criança ao espaço escolar. O professor deve estar focado nas questões das crianças e deixar que os profissionais da escola tomem conta das demais atividades. Manter uma rotina com atividades que eles conheçam tornará o ambiente mais familiar, propor atividades que privilegiem a formação da autoconfiança com segurança e conforto.

Faz-se necessário que o professor busque bastante conhecimento sobre o desenvolvimento cognitivo da criança para que de posse destas informações ele compreenda melhor seu aluno e a partir daí proponha tarefas desafiadoras às crianças que sejam de acordo com a etapa em que se encontram, tendo em vista os estágios de desenvolvimento da criança segundo Piaget podendo assim estimulá-las a pensar de forma criativa e autônoma; favorecendo a construção do conhecimento físico e lógico-matemático. Segundo OLIVEIRA:

O estudo do papel do educador junto às crianças não pode descuidar do exame das relações que elas estabelecem entre si e nas diferentes situações. Atos cooperativos, imitações, diálogos, disputa de objetos e mesmo brigas, entre tantos outros, são grandes momentos do desenvolvimento. Todas essas situações são frequentes em escolas e pré-escolas, devendo aos professores criar condições para lidar positivamente com elas. (2002. p. 441)

No desenvolvimento das atividades, o educador deve permanecer ativo para não perder o controle, criando situações alegres, com música, teatro e jogos para

trazer entretenimento para as crianças, nestes momentos as atitudes devem ser espontâneas e feitas com desenvoltura.

As crianças deste nível de ensino se envolvem inteiramente em atividades que trabalham o lúdico, portanto a música e os jogos devem fazer parte de sua rotina. Outra sugestão para professores deste nível de ensino é o trabalho com teatros de marionetes e a criação de "cantinhos" específicos para contos, vídeos, brincadeira, pintura, conversa e etc. Educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e de estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (RCN,1998, p. 23).

Observa-se que a criança até os seis anos de idade possui uma enorme facilidade de passar de uma emoção para outra, portanto no instante da chegada ela pode chorar e manifestar comportamento agressivo, mas de acordo com a atividade feita ou o carinho que ela venha a receber acredita-se que a mesma ficará mais calma. Sabendo disso se faz necessário o uso de atividades que agradem a criança e prendam sua atenção no que se está oferecendo naquele ambiente distraíndo-a da angústia do momento da separação.

O professor deve ser expressivo em tudo que fala e faz. As histórias devem ser contadas em diferentes vozes, os jogos precisam ter o "clima" e o professor deve estar sempre motivando a criança, não deve ter "vergonha", inibições ou preconceitos que o impeçam de participar de dramatizações, de contar histórias, etc (LIMA, 1986.p.4)

A relação deste profissional com a criança vai além dos conteúdos e demais atividades propostas na sala de aula, essa relação se estende a aspectos emocionais e afetivos, pois neste período a convivência é muito intensa. Na maioria das escolas do ensino regular as crianças passam cerca de quatro horas diárias na presença do professor, durante este período ele é quem a recebe, realiza as atividades, oferece o lanche, conta histórias e posteriormente se despede esse cuidado é que possibilita a aproximação da criança com o professor e a criação de laços afetivos. É tão importante essa relação que praticamente todos os adultos se lembram de sua primeira professora devido ao vínculo construído durante este processo.

O cuidar é compreendido como uma atitude que envolve afetivos/emocionais, quanto cognitivos como pensar, refletir, planejar, ou seja, quando se

compreende o cuidar como uma ação racional, estamos considerando que é possível educar para o cuidado”(CUNHA e CARVALHO, 2002, p. 7).

Com isso entende-se que é necessário ser trabalhado pelo professor um conjunto de ações como cuidado, compreensão e acolhida das criança, estas ações são imprescindíveis para que haja êxito no processo de adaptação e a construção do conhecimento da criança.

CAPÍTULO IV

4. A importância da escola enquanto facilitadora da interação criança-criança

Uma escola preparada para receber as crianças na Ed. Infantil deve estar adequada a todas as normas para este nível de ensino, por isso propõem-se aqui a exposição de alguns trechos das Normas Regimentais Básicas para as escolas de Educação Infantil

Deliberação nº 02/2001 Normas regimentais básicas para as escolas de Educação infantil:

Título I

Das disposições preliminares

Capítulo I

Da Caracterização

Artigo 1º - As escolas de Educação Infantil, com base nos dispositivos constitucionais vigentes, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Estatuto da Criança e do Adolescente, respeitadas as normas regimentais básicas aqui estabelecidas, reger-se-ão por regimento próprio a ser elaborado pela mantenedora

Título II

Da gestão democrática

Capítulo II

Das Instituições Escolares

Artigo 11 - As instituições escolares terão a função de aprimorar o processo de construção da autonomia da escola e as relações de convivência intra e extra-escolar.

Título IV

Da organização e desenvolvimento do ensino

Capítulo I

Da Caracterização

Artigo 33 - A organização e desenvolvimento do ensino compreende o conjunto de medidas voltadas para consecução dos objetivos estabelecidos na proposta pedagógica da escola, abrangendo:

- I - níveis, cursos e modalidades de ensino;
- II - currículos;
- III - projetos especiais.

Capítulo II

Seção I

Da Educação Infantil

Artigo 37 - Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e sócio, complementando a ação da família e da comunidade.

Artigo 38 - A Educação Infantil será oferecida em:

- I - creches para crianças até seis anos de idade;
- II - pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade.

Título V

Da organização técnico-administrativa

Capítulo VII

Do Corpo Docente

Artigo 50 - Integram o corpo docente todos os alunos da escola a quem se garantirá o livre acesso às informações necessárias a sua educação, ao seu desenvolvimento como pessoa, ao seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o mundo do trabalho.

Além das normas citadas aqui que compreendem a função da escola em seus aspectos legais e determinações para o seu funcionamento, existe ainda a preocupação com espaço físico que a escola oferece para seus alunos. Quando a escola tem um espaço físico adequado para que as crianças se sintam a vontade, de certo que sua adaptação será mais rápida, pois o ambiente influenciará na sua

cognitivo. Este posicionamento legitima-se na afirmação de OLIVEIRA (2002, p.140), pois segundo ele quando uma criança é colocada em um ambiente que não lhe desperte medo, mas a incentive a explorá-lo, dirigindo sua atenção a seus aspectos significativos para si mesmo são elementos que ampliam o sucesso da criança na grande aventura do conhecer. O autor reforça ainda que:

Um ambiente é carregado de símbolos que chamam a atenção das crianças para certos aspectos. Por vezes se vê, nas creches e pré-escolas, um espaço físico enfeitado por abecedários ou cartazes que tratam de conteúdos escolares. (...) Há, ainda, os que expõem as produções de suas crianças, enquanto alguns representam cenários que estimulam a imaginação infantil, ponto que será aqui mais valorizado. Na perspectiva aqui exposta, o ambiente das creches e pré-escolas pode ser considerado como um campo de vivências e explorações, zona de múltiplos recursos e possibilidades para a criança reconhecer objetos, experiências, significados de palavras e expressões. Além de ampliar o mundo de sensações e percepções. Funciona esse ambiente como recurso de desenvolvimento, e, para isso, ele deve ser planejado pelo educador, parceiro privilegiado de que a criança dispõe. (OLIVEIRA, 2002, p.92).

Dentro da escola a sala de aula é o lugar onde a criança mais estabelece relações com o outro com o ambiente e consigo mesma, lá dentro ela é motivada a interagir, conhecer os objetos daquele espaço e todas as possibilidades de experimentações. Para ele a sala de aula é um lugar além do físico, pois desperta intensamente seu imaginário, pois como Campos a define:

Lugar onde se tece a elaboração do eu e do outro. É contexto de vivências, de tempos e de movimentos. [...]
A sala de aula é um lugar de transformações. É um lugar simbólico. É um lugar abstrato. Quando o professor ou os alunos dizem "da minha" sala de aula referem-se ao espaço como "meu", referindo-se a um pertencimento simbólico. (CAMPOS, 2007, p.41)

A criança que está na escola aprende a compartilhar, obedecer e manter relações sociais com aquele grupo que a cerca, nesses momentos a mesma não estará sobre os protetores olhares dos pais, portanto se sentirá obrigada a tomar decisões e adquirir uma noção de lealdade ao grupo que mais se identifica, satisfazendo suas necessidades e tendo também as inevitáveis frustrações que a vida traz.

Portanto a construção de novas relações possibilita o crescimento pessoal das crianças, a vivência com professores e todo corpo escolar traz para a criança a

noção de funcionamento da sociedade e como ela se divide de acordo com as exigências de cada local.

Observa-se neste contexto que quando uma criança está em seu grupo realizando atividades ela pode se descobrir como líder, por direcionar os colegas e se fazer obedecer, ou seguidor, acatando as orientações de outros colegas. Essas manifestações mostram que a partir daquele momento a criança vai mostrar seu temperamento e formas de reagir em cada situação.

Para que ocorra uma adaptação significativa da criança é necessário que a instituição escolar fundamente-se teoricamente acerca do assunto e organize-se para receber os novos alunos, sabendo que junto a eles, receberá também seus pais e/ou responsáveis.

É aconselhável que se instrua os pais sobre o processo de adaptação e as possíveis atitudes que seus filhos podem manifestar para que se ocorrerem problemas como choros e atitudes agressivas, entre outros, os pais saibam conduzir de forma correta. BALABAN, orienta que:

Antes do início das aulas, sejam organizadas reuniões coletivas e individuais com os pais, para a escola expor aos mesmos a sua proposta pedagógica e objetivos; explicando-lhes como se dá o processo de adaptação e a atenção que este merece . (1998; p.52)

O sucesso do processo de adaptação das crianças às escolas, requer que profissionais e familiares estejam unidos no mesmo sentido de favorecer as melhores condições para estas. O medo ou choro muitas vezes são inevitáveis, mas se faz necessário manter a calma e esperar com paciência todos os altos e baixos desse delicado momento. Dessa forma, a criança poderá se sair bem nesse processo, ficar mais forte, madura, mais confiante e conseguir perceber aos poucos que experimentar esse novo mundo poderá ser agradável e cheio de boas descobertas.

Sabe-se que a escola é um lugar privilegiado de socialização, pois nesse ambiente a criança tem a oportunidade de estabelecer diálogos, compartilhar descobertas, conquistar seu espaço e ao mesmo tempo respeitar o do outro. Neste lugar elas também adquirem a noção de coletividade já que todas as atividades propostas pelo professor são em grupo e é normalmente neste grupo onde acontecem as maiores descobertas, pois quando uma criança inicia um jogo ou

brincadeira está incentivando as outras inconscientemente a participar. Sobre este assunto OLIVEIRA afirma que:

A função dos companheiros de idade é a de potencializar atenções recíprocas, constituindo fonte de interesse, imitação e percepção de diferenças. As interações que as crianças estabelecem entre si – de cooperação, confrontação, busca do bom senso – favorecendo a manifestação de saberes já adquiridos e a construção de um conhecimento partilhado: símbolos coletivos e soluções comuns. (2002, p.142)

Após observar todos esses aspectos conclui-se que a escola é um importante ambiente de socialização e interação das crianças, pois, seu espaço propicia atividades singulares e um contato constante e ativo com o público da mesma faixa etária dentro de um contexto próprio delas onde tudo ao seu redor favorece sua adaptação e facilita seu aprendizado.

CAPITULO V

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Diante da problemática da adaptação de crianças no ingresso a educação infantil que muitas vezes interfere no processo educacional da criança e no desempenho do trabalho do educador, foi desenvolvida esta pesquisa que tem como objetivo obter dados que possam proporcionar reflexão e mudança de atitude sobre esta problemática que por diversas vezes desmotiva professores e pais, dificultando o processo de adaptação. Para isso buscou-se a opinião e o ponto de vista das pessoas que estão dentro desse processo.

A pesquisa será caracterizada como pura quanto à sua natureza. Quanto aos objetivos à que se propõe, está classificada como explicativa, perpassando ainda pelo aspecto da exploração do assunto. No tocante aos procedimentos técnicos para sua realização, será bibliográfica e de campo. Quanto à sua abordagem será desenvolvida quantitativamente. Por ser uma pesquisa de abordagem quantitativa, com o levantamento de dados estatísticos.

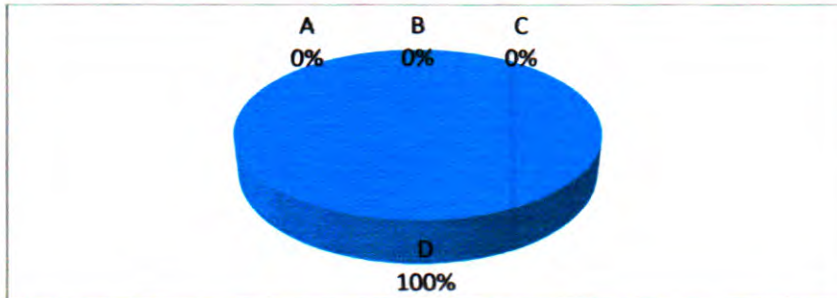
A pesquisa foi realizada com dez alunos do infantil III que corresponde a 8% dos alunos da instituição de uma escola da rede privada na cidade de Parnaíba- PI, que por uma questão de sigilo será referida com o nome fictício de Colégio Ciranda. O público participante da pesquisa foi escolhido por ser a turma de iniciação, houve a participação dos pais dos alunos e da professora da sala que responderam questionários com perguntas fechadas, nesta análise usaremos apenas seis das treze perguntas feitas. Os dados coletados serão analisados e interpretados por meio de gráficos, sendo também analisados por comentários críticos e imparciais.

1- QUE ATIVIDADES A ESCOLA OFERECE PARA AS CRIANÇAS DA TURMA DE ADAPTAÇÃO?

Questões	Quantidade	%
A – brinquedoteca, parque e histórias	0	0
B – fantoches e fantasias	0	0
C – nenhuma das anteriores	0	0

D – todas as anteriores	1	10
Total	1	100

Gráfico 1

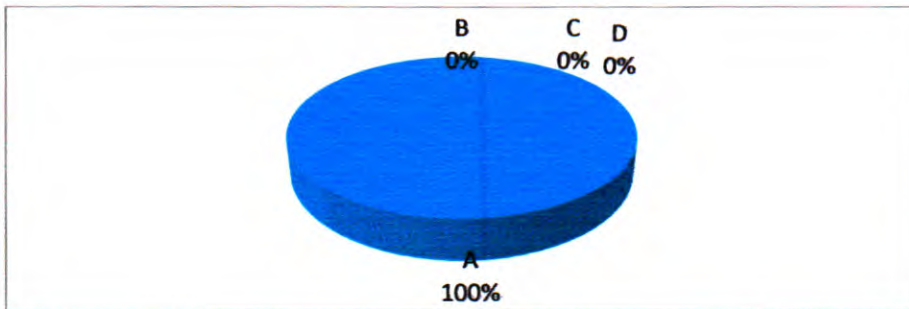


Neste gráfico constatou-se que a escola oferece material adequado para se trabalhar a parte lúdica do ensino da criança cumprindo por tanto uma das recomendações citadas neste trabalho para melhor acolher a criança.

2. EXISTEM REUNIÕES DE PAIS NA ESCOLA ANTES DO INÍCIO DAS AULAS PARA O ESCLARECIMENTO DOS POSSÍVEIS PROBLEMAS NA FASE DE ADAPTAÇÃO?

Questões	Quantidade	%
A – não	1	10
B – apenas uma vez	0	0
C – sim, porém evita-se falar dos problemas de adaptação	0	0
D – sim, é esclarecido aos pais as dificuldades nessa fase	0	0
Total	1	100

Gráfico 2

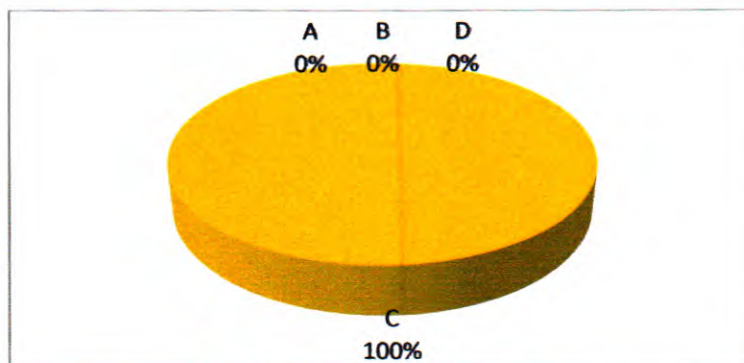


De acordo com este gráfico, constatou-se que a escola não fornece informações aos pais sobre o processo de adaptação das crianças e as possíveis reações que ela venha a apresentar. Com isso a dificuldade de compreensão dos pais a respeito dessa problemática fica evidente e torna o processo de adaptação da criança mais difícil.

3. QUANDO VOCÊ SABE QUE IRÁ TRABALHAR NUMA TURMA DE CRIANÇAS DO PRIMEIRO ANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL VOCÊ:

Questões	Quantidade	%
A – faz leituras específicas do assunto	0	0
B – visita turmas de crianças de 3 anos	0	0
C – conversa com professores para buscar experiência	1	10
D – espera as aulas começarem para saber como deve agir	0	0
Total	1	100

Gráfico

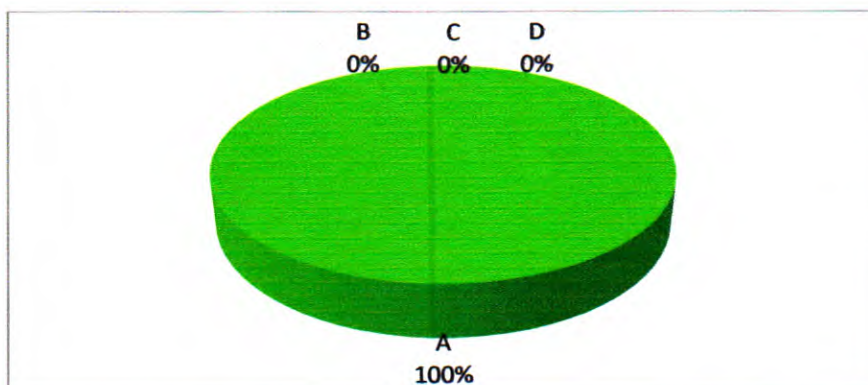


Conforme o gráfico entende-se que as professoras quando recebem uma turma de ingresso de adaptação não buscam conhecimento em estudos específicos na área, recorrendo apenas a experiências baseados no conhecimento de outrem, ou seja, conhecimento empírico. Desta forma o professor, não buscando embasamento teórico para orientar sua prática para tomadas de decisões coerentes, acaba por dificultar o processo de adaptação de seus alunos por não conhecer dentre outras coisas o desenvolvimento natural da criança e como lidar com este fato dentro do processo de adaptação.

4. QUANDO UMA CRIANÇA CHEGA A SUA SALA DE AULA CHORANDO MUITO VOCÊ:

Questões	Quantidade	%
A – acalenta e tenta distraí-la com uma música ou brinquedo	1	10
B – coloca no colo	0	0
C – ignora a criança para que ela perceba que chorar não adianta	0	0
D – chama a mãe para que a leve pra casa	0	0
Total	1	100

Gráfico

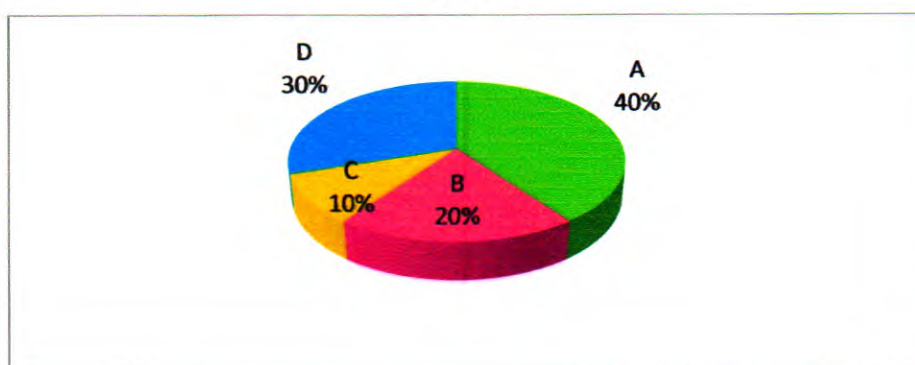


De acordo com este gráfico fica claro que o professor ao acalantar e tentar distrair a criança com brinquedos está agindo de forma coerente aos estudos apontados aqui conforme o pensamento de alguns autores citados.

5. A CRIANÇA MOSTROU ALGUMAS DESSAS ALTERAÇÕES NO COMPORTAMENTO APÓS A ENTRADA NA ESCOLA?

Questões	Quantidade	%
A – não dorme por saber que vai a aula ao acordar	4	40
B – chora ao ouvir falar da escola	2	20
C – provoca vômito sempre que chega na escola	1	10
D – não apresentou nenhuma dessas reações	3	30
Total	10	100

Gráfico

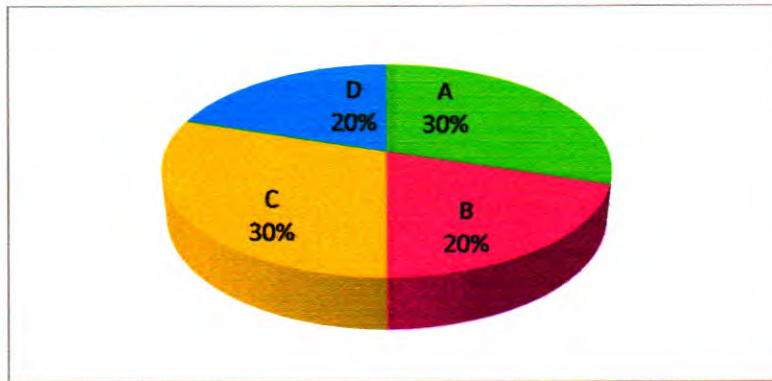


Conforme o gráfico a proporção de opiniões de pais que identificam alterações no comportamento dos filhos após a entrada na escola, ficou constado que 40% das crianças não dormem por saber que vão a aula ao acordar, 30% não apresentou nenhuma das reações, 20 % chora ao ouvir falar da escola, 10% provocam vômitos quando chega na escola, conforme mostra a tabela e o gráfico acima. De acordo com o resultado a maioria das crianças no período de adaptação apresenta distúrbios do sono característica, da má adaptação.

6. VOCÊ SE COMPORTA DE QUE FORMA NO MOMENTO DA DESPEDIDA DO SEU FILHO?

Questões	Quantidade	%
A – chora por que sente pena de seu filho	3	30
B – foge para não o ver chorar	2	20
C – abraça e beija dizendo que voltará logo	3	30
D – briga para que se acalme	2	20
Total	10	100

Gráfico



Este gráfico mostra a proporção de opiniões de pais que no momento da despedida apresenta as seguintes reações:

Ficou constatado que 30% chora por que sente pena de seu filho, 30% abraça e beija dizendo que voltará logo, 20% foge para não o ver chorar e 20% briga para que se acalme. Com base nos dados obtidos comprovou-se que somente 30% dos pais tomam a atitude correta em relação a despedida que é o carinho e a transmissão de segurança, os 60% restante reagem de maneira errada assustando a criança tornando aquele momento de separação mais complicada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adaptação escolar ainda é um tema pouco explorado e compreendido pela família e a escola. No entanto sua importância e relevância no processo educativo da criança é indiscutível, por entendê-la desta forma e tê-la como área de trabalho pessoal surgiu a iniciativa de estudar mais a fundo essa problemática.

Muito do que foi observado da teoria de alguns estudiosos comprovou-se durante a pesquisa prática, pois, os relatos de comportamentos como choro, atitudes de isolamento e regressão entre outras, estiveram presentes durante o período de observação. Também foi analisado o comportamento dos pais que levaram seus filhos a escola pela primeira vez onde a maioria não sabia como reagir aos protestos dos filhos para não ficar na escola, quanto ao professor, este, apresentava-se inseguro e pouco confiante nas atitudes que tomava.

De acordo com os estudos e as pesquisas constatou-se a necessidade de um maior preparo de pais e educadores para enfrentar esta situação, pois quando se trata do emocional das crianças é sempre aconselhável ter informações suficientes para saber agir em cada situação. No entanto o que foi observado é que a maioria dos pais e educadores só param para pensar nesta problemática quando já estão dentro do processo.

Em virtude disto observa-se que é primordial o entendimento sobre as fases do desenvolvimento natural das crianças para que se compreendam melhor as atitudes tomadas por elas. Para o professor o preparo para receber as turmas de adaptação escolar deve começar antes do início das aulas com embasamento teórico e preparo psicológico. Já com os pais ocorre diferente, pois caberá a escola informar-lhes sobre as dificuldades deste processo.

Na verdade não existe uma fórmula para que a criança se adapte a escola e nem um tempo pré-determinado o que se sabe é sobre a necessidade de se respeitar o tempo de cada criança e não lhe impor prazos para estar adaptada.

Os estudos aqui realizados contribuem para uma melhor compreensão do processo de adaptação de crianças na escola, mas também sugere que muito ainda precisa ser feito para tornar mais fácil o ingresso de crianças na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTAMA, Mirian. Separação mães e filhos. *Revista de Psicologia Catharsis*: [acesso em 31 de maio de 2009] disponível em <http://www.revistapsicologia.com.br>

BALABAN, Nancy, *O Início da vida escolar. da separação à independência*; Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BORGES, M. F. S. T e Souza R. C. de (org.). *A Práxis de educadores de educação infantil*. Rio de Janeiro: D P.& A, 2002.

BOWLBY, J. (1995). *Cuidados Maternos e Saúde Mental* (V.L.B.Souza & I. Rizzini, Trad.). 2ª ed. SP: Martins Fontes. (original publicado em 1976).

BOWLBY, J. (1990). *Apego: A natureza do vínculo* (A.Cabral, Trad.) Em J. Bowlby (org.), *Trilogia Apego e Perda* (2ª ed, Vol. 1,) SP: Martins Fontes.(original publicado em 1969).

BRAZELTON, T.B. (1994). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. (J.L. Camargo, Trad.) SP: Martins Fontes.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. *A política de educação infantil no âmbito do estado brasileiro*. In: BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Anais do I Simpósio Nacional de Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1994.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. *Saberes docentes e autonomia dos professores*/Casemiro de Medeiros Campos. -Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CURY, C.J. Lei de diretrizes e bases e perspectivas da educação nacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, 1998.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *A educação infantil como direito*. In: BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Subsídios para*

Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil. Volume II. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998.

CUNHA, B. B. B., CARVALHO, L. F. *Cuidar de crianças em creches: os conflitos e os desafios de uma profissão em construção*. In: ANPED. Caxambu, MG: 2002, CDROM 25 anos ANPED.

DIAS, Regina Célia. *Luta movimento, creche: a história da conquista de um direito*. In: SILVA, Isa T. F. Rodrigues (Org.). *Creches comunitárias: histórias e cotidiano*. Belo Horizonte: AMEPPE, 1997.

FARIA Ana Lúcia Goulart de. *Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil*. Campinas: Edunicamp, São Paulo: Cortez, 1999.

FARIA A. L. G. *Impressões sobre as creches no norte da Itália: Bambini se diventa*. In: ROSEMBERG, F.; CAMPOS, M. M. *Creches e pré-escolas no hemisfério norte*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989: *O Mini-dicionário da língua portuguesa; Anjos, margarida e outros*. 5 ed. Ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

HENRIQUES, L. A. *O período de Adaptação na pré-escola em um enfoque psicopedagógico*. In: ESCOZ, B. J.L. (et al). *Psicopedagogia- O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional*. Porto alegre: Artes Médicas, 1987

LIMA, Adriana Flávia Santos de Oliveira. *Pré- escola e alfabetização*. 17ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*/Zilma Ramos de, - SP: Cortes, 2002.

REID, Susan. *Compreendendo seu filho de 2 anos*. Trad. Cláudia Gerpe. RJ: Imago, 1992.

ROSSETTI – FERREIRA, M.C. & K. (1996). *Relações afetivas na família e na creche Durante o processo de inserção de bebês*. Trabalho apresentado no IV Simpósio Latino – Americano de Atenção á Criança de 0 a 6 anos, Brasília.

SALGADO, Maria Umbelina. Série de Estudos/Educação a distância. *Um Olhar Sobre a Escola*. Ministério da Educação. Governo Federal. Brasília, 2000.

DOCUMENTOS

BRASIL, Ministério da Educação. LDB nº 9394/96

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição [da] Republica Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*. São Paulo: Cortez, 1990.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL – Vol. I II e III. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO PARA PAIS DE ALUNOS

- 1) No momento de ir a escola como seu filho se mostra?
- a) nervoso.
 - b) ansioso.
 - c) agressivo.
 - d) alegre.
- 2) A criança mostrou algumas dessas alterações no comportamento após a entrada na escola?
- a) Não dorme por saber que vai a aula ao acordar.
 - b) Chora ao ouvir falar da escola.
 - c) Provoca vômito sempre que chega na escola.
 - d) Não apresentou nenhuma destas reações.
- 3) Quantas vezes você levou seu filho a escola antes do primeiro dia de aula para que ele conhecesse o ambiente e o professor?
- a) uma vez.
 - b) duas vezes.
 - c) várias vezes.
 - d) nenhuma vez.
- 4) Quando seu filho pede para não ir mais a escola como você reage?
- a) acata ao pedido e não o leva a escola.
 - b) explica que ele precisa ir para se acostumar.
 - c) diz que não irá levá-lo e na hora leva.
 - d) promete presentes se ele concordar em ir.
- 5) Você se comporta de que forma no momento da despedida do seu filho?
- a) chora por que sente pena do seu filho.
 - b) foge para não o ver chorar.
 - c) abraça e beija dizendo que voltará logo.
 - d) briga pra que ele se acalme.
- 6) Se seu filho fica muito agitado no momento da despedida você:
- a) acalenta para que ele pare de chorar

6) Se seu filho fica muito agitado no momento da despedida você:

- a) acalenta para que ele pare de chorar
- b) o leva imediatamente para casa
- c) espera e se ele não se acalmar o leva para casa
- d) compreende que é o momento difícil porém vai para casa

QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

1) Como é feito o planejamento das aulas para as turmas de adaptação?

- a) planejamento diário.
- b) () planejamento semanal.
- c) () planejamento mensal.
- d) não há planejamento.

2) Que atividades a escola oferece para as crianças da turma de adaptação?

- a) () brinquedoteca, parque e histórias.
- b) () fantoches e fantasias.
- c) () nenhuma das anteriores.
- d) () todas as anteriores

3) Existem reuniões de pais na escola antes do início das aulas para o esclarecimento dos possíveis problemas na fase de adaptação?

- a) () não.
- b) () apenas uma vez.
- c) sim, porém evita-se falar dos problemas da adaptação.
- d) () sim, é esclarecido aos pais as dificuldades nessa fase.

4) Quais destas perguntas constaram em sua entrevista de emprego?

- a) () possui curso superior?
- b) () tem experiência?
- c) () possui afinidade com crianças?
- d) () possui especialização na área?

5) Quando você sabe que irá trabalhar numa turma de crianças do primeiro ano da educação infantil você:

- a) () faz leituras específicas do assunto.
- b) () visita turmas de crianças de 3 anos.
- c) () conversa com professores para buscar experiência.
- d) () Espera as aulas começarem para saber como deve agir.

6) Quando uma criança chega em sua sala de aula chorando muito você:

- a) acalenta e tenta distraí-la com uma música ou brinquedo.
- b) coloca no colo.
- c) ignora a criança para que ela perceba que chorar não adianta.
- d) chama a mãe para que a leve pra casa.

7) Todos na escola participam do processo de Adaptação para ajudar as crianças

- a) Não, todos tem suas próprias funções
- b) Apenas alguns
- c) Sim, sempre
- d) Sim, mas só no primeiro dia